



<http://dx.doi.org/10.30681/23163933v24i01422452>

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE USUÁRIOS SURDOS DE COMUNIDADE VINCULADA A UMA REDE SOCIAL

CONSTRUCTION OF IDENTITIES OF DEAF USERS IN A COMMUNITY LINKED BY A SOCIAL NETWORK

Sara Rafih Urenha¹

Dánie Marcelo de Jesus²

Recebimento do texto: 27/04/2018

Data de aceite: 20/05/2018

RESUMO: Neste artigo, analisamos os *posts* de uma página no *Facebook*, intitulados “Surdos – relacionamento de namoro”, com 9.508 membros, com o objetivo de promover relação afetiva face a face entre seus participantes. Este estudo tem como finalidade compreender, por meio das escolhas verbais dos usuários, como as identidades surdas são construídas na comunidade on-line. O trabalho se assenta na referência teórica dos estudos sobre identidade surda (Skliar; 1998, Perlin;1998, Moura;2000; Sá (2002, 2006) e identidades (Hall;2000, Woodward;2000). O percurso teórico-metodológico é de base interpretativista nas perspectivas de Denzin e Lincoln (2006), Bortoni-Ricardo (2008) e Flick (2009). Os resultados sugerem que seus membros surdos apresentam identidades bastante heterogêneas, plurais e fragmentadas, opondo-se ao discurso corrente que percebe os surdos com sujeitos com uma identidade homogênea mediada pela língua de sinais.

PALAVRAS-CHAVE: identidades; surdos; facebook.

ABSTRACT: This paper analyzes posts from a Facebook page entitled “Surdos – relacionamento de namoro” [“Deaf People – Dating”], which has 9,508 members and aims to promote an affective, face-to-face relationship among them. This study strives to understand, through members’ verbal choices, how deaf identities are constructed in the online community. The theoretical framework includes studies on deaf identities (Skliar, 1998, Perlin, 1998, Moura, 2000; Sá, 2002, 2006) and on identities in general (Hall, 2000; Woodward, 2000). The interpretive methodological approach is based on works by Denzin and Lincoln (2006), Bortoni-Ricardo (2008), and Flick (2009). Results suggest that the community’s deaf members have highly heterogeneous, plural, and fragmented identities, as opposed to mainstream discourse’s view of them as subjects with a homogeneous identity mediated by sign language.

KEYWORDS: identities; deafs; facebook.

1 Mestra em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário de Várzea Grande. E-mail: srafihureha@gmail.com

2 Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem e Cultura Contemporânea, da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: daniepuc@gmail.com

Introdução

Nas últimas décadas, um número bastante significativo de pesquisas sobre identidades vêm se avolumando (GUMPERZ, 1981; SILVA, 2000; VEREZA, 2002; GRIGOLETTO, 2006; JESUS, 2009; FABRÍCIO & MOITA LOPES, 2010), com diferentes enfoques teóricos, procurando compreender questões relacionadas aos aspectos étnicos e raciais, de gênero e sexuais, educacionais e de aprendizagem de línguas, entre outros. Contudo, apesar do avanço desses estudos, ainda encontramos poucos trabalhos (PERLIN, 1998; SKLIAR, 1998; SÁ, 2002; STROBEL, 2007) que focalizam as identidades surdas no Brasil, particularmente em redes sociais digitais.

Uma das possíveis razões desse diminuto estudo sobre identidades surdas em contexto digital pode ser a descrição essencialista e homogênea do surdo, visto ainda como um sujeito fixo e imutável, esquecendo sua pluralidade e sua diversidade. Nesse sentido, é comum, por exemplo, observar enunciados que afirmam que todos os surdos gostam de isolamento ou são revoltados por conta de sua condição de estigmatizados (BOTELHO, 2002). Ao ocorrerem tais generalizações, as especificidades de cada um dos sujeitos são desconsideradas, ficando em evidência somente estereótipos.

Para Hall (2003), estereótipo pode ser definido como um conjunto de “práticas representacionais” que possuem efeitos essencializantes, reducionistas e naturalizantes. Ele reduz as pessoas a características simples e essenciais que passam a ser como fixas, impostas pela natureza e, por isso, permanentes. Nessa perspectiva, podemos compreender o estereótipo como se não existisse nenhuma outra característica além dele.

Espera-se que um indivíduo estigmatizado se comporte de maneira que seu estigma fique evidente. No caso dos surdos, ainda hoje há uma rotulação de incapacidade linguística e até intelectual. Por isso, um surdo que supera as barreiras linguísticas e sociais e ingresse numa faculdade, numa pós-graduação ou tira carteira de motorista, ainda pode provocar surpresa, curiosidade ou espanto de algumas pessoas.

Essa visão dos sujeitos surdos parece não compreender as identidades como um processo da produção da diferença, que não é outra

coisa senão uma demanda discursiva.³ As identidades surdas, por sua vez, advêm de uma construção imperativa de identidade cultural dos sujeitos, com suas peculiaridades e especificidades, que vão além dos aspectos clínicos e/ou patológicos. Os sujeitos surdos vivem numa sociedade com uma demanda linguisticamente complexa, ou seja, uma sociedade de pessoas que ouvem e falam e que detêm uma relação de poder por usar uma língua oral-auditiva, em nosso caso a Língua Portuguesa. Dessa forma, as pessoas surdas são vistas como inferiores, não detentoras de cultura própria, motivo pelo qual necessitam de algumas adequações. São deficientes que necessitam entrar na linha da normalização, pois precisam urgentemente ser iguais à maioria; precisam falar, ver, ouvir, andar, fazer parte de uma cultura dita padrão para serem, então, consideradas incluídas na sociedade (SKLIAR, 1998).

Diante desse quadro, o objetivo deste trabalho é problematizar as identidades surdas apresentadas nos posts da comunidade “Surdos – relacionamento de namoro” na plataforma *facebook*. Adiantamos que essa comunidade não é formada apenas por sujeitos surdos, mas por parentes ou interessados no tema circunscritos à surdez. Entretanto, nosso foco recaiu apenas nos textos de pessoas que se identificaram como surdas.

O percurso adotado para a análise inclui, inicialmente, uma discussão a respeito do conceito de identidades. Posteriormente, apresentamos um referencial teórico sobre identidades surdas. Na sequência, descrevemos a metodologia de pesquisa e a comunidade analisada no *Facebook*. Ao concluir, procuramos refletir no tocante aos achados deste trabalho e o desenvolvimento de mais estudos em torno de nosso tema em redes sociais digitais.

1. Conceito de identidade

Hall (2000) distingue três concepções sobre identidade. São elas: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo está alicerçado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das

³ Para este trabalho, será adotado o conceito de discurso de Fairclough (2001, p. 90), que propõe usar o termo para designar “o uso de linguagem como forma de prática social”. Essa proposta implica tomar o discurso como uma forma de ação e assumir que sua relação com a estrutura social seja dialética. Em outras palavras, o social constitui o discurso e é por ele constituído. Apesar da referência a esse teórico, não o utilizaremos como base de análise, uma vez que esta pesquisa não se insere na linha de Análise Crítica do Discurso.

capacidades de razão, consciência e ação. O “centro” desse indivíduo consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O autor ainda acrescenta que “o sujeito do iluminismo era usualmente descrito como masculino” (HALL, 2000, p. 11). Nessa concepção, a representação de identidade o reportava a ser o sujeito imponente e masculino dotado de poderes, capacitado, portanto “normal”.

A noção de sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o citado núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com outras pessoas importantes para ele. Tais pessoas promovem a mediação entre o sujeito e os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habita.

A concepção do sujeito sociológico, descrita por Hall, demonstra, sem dúvida, uma visão um pouco mais ampla sobre a importância do social para a formação do indivíduo. Não obstante admitir a influência do social na vida e na construção do sujeito, esta concepção não abandona a ideia de essência. O indivíduo possui uma essência, seu “Eu”, que pode ser modificado, lapidado pelo mundo exterior.

A terceira concepção de identidade, discutida por Hall (2000), refere-se ao sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade se torna uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Com base nos estudos de Hall (2000), é possível observar que as identidades são descentradas e que poucas persistem nos termos de centralização. A concepção de descentramento se refere ao fato de que o iluminismo traçou um modelo de pessoa perfeita, que deveria ser almejado por todos.

A concepção de identidades surdas se altera de sujeito para sujeito. Ela muda da mesma forma que não temos uma identidade única de não surdos/ouvintes. Em nossa compreensão, não existe um modelo de identidade surda. Percebe-se a fragmentação das identidades surdas no momento em que se vê a diferença existente entre os surdos. O surdo ainda convive com uma sociedade culturalmente esterilizada que o

estimula a viver a identidade moldada numa representação de tipo iluminista.

Para Silva (2000), a identidade, tal como a diferença, é uma relação social, sendo sua definição sujeita a vetores de força e a relações de poder. A marca da normalização aparece como um desses vetores que impulsionam a fixação do sujeito surdo de acordo com um padrão: o “normal”. A normalização é, portanto, um dos processos mais sutis, pelo qual o poder se manifesta ao eleger uma identidade e a ela atribuir todas as características “positivas” possíveis, ficando as demais identidades sempre em um nível inferior. Por isso, a identidade “normal” é tão desejada, por ser considerada única e natural. Sua força é tal, que a identidade normal não é considerada **uma** identidade, mas como **a** identidade (SILVA, 2000). Portanto, por serem estreitamente dependentes, os conceitos de identidade e de diferença se encadeiam intimamente ao conceito de representação que, segundo Silva (2000), é um sistema linguístico e cultural arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.

Assim, parece ser permitido pensar na possibilidade que uma pessoa possa ter de assumir diferentes identidades em diversos momentos e situações. Afinal, há confrontos de diversificadas identidades e seus apelos, dentre os quais, ainda que em diferentes graus e medidas, é possível realizar escolhas. No entanto, é preciso ter sempre em mente a advertência de Santana (2007) sobre o fato de que não há escolhas “livres” nas identidades das pessoas e que isso independe da vontade delas. Afinal, as identidades são determinadas, no entender da autora, “[...] pelas práticas discursivas, impregnadas por relações simbólicas de poder” (SANTANA, 2007, p. 42).

Para Silva (2000), identidade e diferença abrigam uma estreita relação de dependência. Por trás da afirmação de que somos algo, há uma extensa cadeia de negações, de expressões negativas de identidade e de diferenças. E afirmações sobre diferença também só fazem sentido se compreendidas em sua relação com afirmações sobre a identidade: quando se diz o que é, também diz-se o que não é – uma cadeia de declarações negativas sobre outras identidades geralmente fica oculta. Sob essa ótica, dizer que é ouvinte significa dizer que não é surdo, não é usuário de Língua de Sinais, não pertence a um grupo minoritário, etc.

Em sua argumentação, Silva (2000) entende que identidade e diferença, além de serem interdependentes, apresentam várias

características em comum: a) resultam de atos de criação linguística, isto é, são criadas por meio de atos de linguagem; b) têm que ser ativamente produzidas; c) são criações sociais e culturais; d) à medida que são definidas, em parte por meio da linguagem que se apresenta como um sistema de significação que tem uma estrutura instável, também são marcadas pela indeterminação e instabilidade; e e) são resultado de um processo de produção simbólica e discursiva.

O autor argumenta ainda que, por serem relações sociais e terem constituição discursiva e linguística, ambas estão sujeitas a vetores de força, a relações de poder. Portanto, não são definidas e sim impostas; não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, mas são disputadas.

Diante disso, percebe-se quanto a identidade das pessoas se constitui com base no jogo de identidade e diferença (SILVA, 2000), uma vez que é a partir do outro que o autoconceito se produz, ou seja, é pelas relações sociais que cada um se reconhece como um sujeito singular. Nesse caso, a diferença é aquilo que o outro é e eu não sou, já que, à medida que se afirma ser surdo, automaticamente, se nega a condição de ouvinte.

2 Identidade e Surdez

Perlin (1998) classifica as identidades surdas da seguinte forma: identidades surdas híbridas, identidades surdas de transição, identidades surdas incompletas e identidades surdas flutuantes.

As identidades surdas híbridas fazem referência aos ouvintes que, por algum motivo – enfermidade, acidentes, entre outros – , perderam a audição e se apropriam da Língua de Sinais para se comunicar. Na verdade, o ex-ouvinte assume duas línguas, porém ele se identificará mais precisamente com a comunidade dos sujeitos surdos. Assim, “eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passam-na para a língua que adquiriram por primeiro e depois para os sinais” (PERLIN, 1998, p. 63).

As identidades surdas de transição estão presentes na maioria dos casos de surdos, filhos de ouvintes. Eles cresceram com a ideia da

oralização ou do ouvintismo⁴, justamente por causa dos familiares ouvintes; depois, tiveram a experiência com a Língua de Sinais. O momento de transição acontece aí: os surdos vão se identificando com a comunidade surda, mas, “embora passando por essa des-ouvintização, eles ficam com sequelas da representação que são evidenciadas em sua identidade em reconstrução nas diferentes etapas da vida” (PERLIN, 1998, p. 64).

Os surdos que vivem sob o comando de uma ideologia ouvintista latente, normalmente possuem uma identidade surda “incompleta”. Unem-se aos ouvintes para socializar os demais surdos, de tal modo que sejam iguais à cultura hegemônica ouvinte.

As identidades surdas flutuantes têm a ver com os surdos que apresentam um posicionamento “consciente” de ser ou não ser surdo. São surdos que não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação, nem mesmo a serviço da comunidade surda, por falta da Língua de Sinais. É o sujeito surdo construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas, fragmentadas (PERLIN, 1998, p. 66).

Em consonância com Perlin, Moura (2000) entende que, somente pela posse da língua de sinais, considerada “natural”, adquirida em qualquer idade, o surdo constituirá uma identidade surda. Sendo assim, para alguns autores, como Perlin (1998) e Moura (2000), somente recorrendo à Língua de Sinais é que o sujeito surdo poderá construir uma identidade surda. Vale realçar: fixa. Isso acaba por proporcionar ao surdo o sentimento de que pertence a determinado grupo – não mais a um grupo de “anormais”, mas a um grupo específico de surdos. Com isso, ocorre a ideia de que só nesse grupo ele é capaz de adquirir sua identidade, “a identidade surda” (SANTANA, 2007).

Na esteira de Santana (2007), a constituição da identidade do surdo não está necessariamente relacionada à Língua de Sinais, mas, sim, à

4 O “ouvintismo”, segundo Skliar (1998, p. 15), “[...] é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. O “oralismo”, conforme Sanchez (1990 apud MOURA, 2000), se baseou em muitas técnicas, que foram se desenvolvendo com o avanço da tecnologia (aparelhos de amplificação sonora individual e coletiva, para um maior aproveitamento dos restos auditivos), das investigações e dos trabalhos nas clínicas foniátricas. Todos se baseavam na necessidade de oralizar o Surdo.

presença de uma língua que lhe abra a possibilidade de se constituir como “falante”, ou seja, está ligada à constituição da própria subjetividade pela linguagem e às implicações dessa constituição nas relações sociais.

Pode-se complementar o raciocínio exposto, com Sá (1998), ao considerar que a identidade é o resultado de práticas discursivas e sociais, já que toda identidade é construída com o outro e a partir do outro. O sujeito se constitui com o outro pela linguagem, por meio de processos dialéticos compostos de fluxos e refluxos, de idas e vindas, de tomadas e retomadas de pontos de vista alheios, de valores. As identidades não estão nos indivíduos, mas são construídas nas relações com as pessoas.

Sá (2002) ressalta o fato de que cerca de 96% dos surdos são filhos de pais ouvintes. Diante desta realidade, o que se destaca não é o aspecto linguístico ou cognitivo, mas o aspecto identitário, pois esses surdos deparam com uma série de construções identificatórias que se iniciam com a expectativa dos pais, e diagnósticos tardios esmagam o estabelecimento da identidade. No entanto, não é conveniente frisar a existência de identidade surda única, como se esta se manifestasse por intermédio de traços universais que os traduzissem completamente – os surdos são assim. O surdo e a comunidade surda são plurais, heterogêneos, como todo agrupamento humano. Toda identidade é dinâmica e transformada continuamente.

Em resumo, dificilmente podemos falar em uma identidade surda. A constituição da identidade do sujeito está amarrada às práticas discursivas – e não a uma língua determinada – e às diversas interações sociais no decorrer de sua vida: na família, na escola, no trabalho, nos cursos que faz, com os amigos. Diante de muitas leituras realizadas, é possível observar que os surdos não são reconhecidos pelos diferentes e múltiplos recortes de sua identidade: linguagem, raça, cognição, gênero, idade, religião, comunidade e culturas. Os surdos, como tantos grupos humanos, são definidos somente com base em seus supostos traços negativos, percebidos exclusivamente como exemplo de um desvio de normalidade.

Acreditamos que compreender a identidade surda vai além do discurso que pressupõe a língua como o único foco presente na discussão da identidade do sujeito surdo. Esquece-se de evidenciar a diversidade cultural, a capacidade do ser humano e sua pluralidade na constituição do ser. A surdez é heterogênea, portanto há o sujeito surdo homem, mulher, homoafetivo, aquele que se tornou surdo, o surdo oralizado, entre outros.

A surdez está fortemente enraizada, na sociedade em geral, como algo circunscrito à área médica, e os médicos, de sua vez, reivindicam a responsabilidade pela “cura” da surdez. O conceito de normalização está vinculado à área clínica e, no campo da surdez, aparece principalmente relacionado à reabilitação clínica, sendo, por isso, comumente ligado a noções como treinamento e desenvolvimento.

Esta visão pode silenciar o sujeito surdo, não respeitando sua língua de sinais e sua subjetividade, pois a falta de audição representa um impacto enorme para a comunidade ouvinte, que estereotipa os surdos como “deficientes”, uma vez que a fala e a audição desempenham o papel de destaque na vida “normal” daquela sociedade.

3. A metodologia, o contexto da pesquisa e o procedimento

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa de cunho interpretativo (Bortoni-Ricardo; 2008, Denzin e Lincoln; 2006 e Flick, 2009), recorrendo à análise das postagens como estratégia metodológica, para investigar as suas identidades e como elas se constituem na comunidade surda virtual no *Facebook* intitulada “Surdos – relacionamento de namoro”, acessadas entre os meses de maio e outubro de 2015.

A comunidade selecionada se compõe, atualmente, de 9.508 membros atualmente, revelando-se um número bastante expressivo no contexto do *Facebook*, ressaltando que o tema da comunidade – “relacionamento de namoro” – é bastante incitante para seus membros. O que mais nos chamou a atenção, diante das muitas comunidades surdas observadas, foi o número de membros inclusos nesta comunidade: as postagens acontecem com bastante frequência, além de um número significativo de comentários sobre elas. Por conta desses aspectos, escolhemos estudar tal comunidade.

Na etapa de análise, os dados foram copiados e colados em páginas de editor de texto, perfazendo um total de 82 postagens coletadas. Chegamos a esse número porque, de princípio, observamos que alguns dos *posts* selecionados desapareceram da comunidade com o correr dos meses. Do total das postagens previamente selecionadas, foram recortadas apenas 23, por apresentarem descrição mais elaborada dos usuários, uma vez que, em alguns casos, encontramos apenas o telefone e o nome do usuário, material linguístico insuficiente para a análise que se propõe este trabalho. Também levamos em consideração os *posts* que encartavam enunciados representativos de identidades diferentes umas das outras, de modo a

colaborar com a constituição das identidades surdas representativas dessa comunidade heterogênea. Da análise, chegamos às categorias de gênero e aos usos da língua, por serem recorrentes e evidenciarem diferentes maneiras de os surdos construírem sua subjetivação. Os usuários se apresentam por meio de textos curtos, a maioria com fotografias. Em razão do espaço deste trabalho, apresentaremos 7 *posts* como exemplo representativo de nossa seleção. Por questão ética, suprimimos as fotos dos usuários da comunidade.

Ressaltamos que a análise e a geração de dados passaram a acontecer, simultaneamente, enquanto realizava constantes acessos para o acompanhamento da comunidade surda. Com vista ao recorte das postagens, decidimos utilizar critérios que dizem respeito à materialidade das identidades nos enunciados. As que foram selecionadas para o *corpus* deste trabalho apresentam, além das informações usuais, outras que colaboram para análise dos modos de produção discursiva das identidades. Sejam exemplo: orientação sexual, raça/etnia, preferência para relacionamento com surdo ou ouvinte, saberes sobre a língua e os discursos machistas. Os *posts* selecionados explicitavam a pluralidade própria da constituição das identidades surdas na comunidade. Essa escolha revelou a contrariedade ao discurso de que os surdos teriam uma identidade homogênea. A título de ilustração, estampamos, na sequência, a página analisada.

Figura 1 - Comunidade virtual: “Surdos - relacionamento de namoro”



Fonte: Facebook (2015)

4 Análise dos resultados

Como foi defendido em outra passagem, nossa pesquisa não tem como objetivo categorizar ou enquadrar/fixar as identidades, uma vez que são múltiplas e heterogêneas, porém há traços comuns que possibilitam, neste trabalho, sistematizar a construção dos enunciados dos usuários da comunidade. Os sujeitos enunciam de determinadas posições, que ora os aproximam, ora os distanciam um dos outros. Assim, ora temos alguns sujeitos surdos que se identificam com um discurso heteronormativo, ora com uma percepção clínico-patológica, ora com uma identificação étnico-racial, quando não com até mais de uma identificação. Procuraremos demonstrar essa pluralidade nos exemplos a seguir.

Sujeito 1

Boa Tarde Povos... Sou [Thiago L...](#) Sou surdo. Tenho 28 anos, sem filho... Eu preciso um namora urgente só mulher. Porque eu quero juntar morar um mulher q casa feliz nova família q futuro pode filho!! Algumas mulher quer um namorado vamos primeiro comunicação comigo! Abraços⁵

Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Nesse primeiro *post*, destacamos que o usuário constrói uma imagem de sujeito heteronormativo. Seu enunciado busca enfatizar sua identidade surda e heterossexual. Apresenta um discurso cristão, cuja percepção de família está centrada no núcleo homem+mulher+filho, associada ao ideal de felicidade: “feliz nova família que futuro pode filho”. Essa percepção de família nuclear é relatada quando expressa o desejo de namorar, se casar, ter filhos, construir uma família. O uso recorrente da primeira pessoa nesses enunciados revela a subjetivação das identidades surda e heteronormativa na posição ocupada por esse sujeito em suas práticas discursivas.

Observa-se que, apesar de a surdez caracterizar um traço de identificação entre os surdos, não é suficiente para considerá-los “iguais”.

⁵ A parte textual dos *posts* será descrita integralmente tal e qual os usuários digitaram. Dessa forma, não haverá preocupação com a correção ortográfica ou gramatical.

Eles fazem parte de uma mesma comunidade, mas não de uma mesma classe, raça, gênero, educação, condição física e outros tipos de “diferença”. Sobre isso, Sá (2006) enfatiza que essas diferenças podem ser mais significantes que o “ideal” de uma comunidade uniforme.

Esse traço figura ficar evidente no próximo *post*, no qual o sujeito surdo se constitui por meio de enunciados que retomam os discursos médico-patológico e ouvintista.

Sujeito 2

Olá, sou deficiente auditivo bi-lateral, porém falo normalmente. Gostaria de conhecer mulheres surdas ou ouvintes, para relacionamento .Quem se interessar favor mandar recados para meu e-mail que respondo. Tenho: 1,76m 80kg, branco, olhos castanhos, cabelos curtos castanhos. Sou da cidade de Santos-SP. Aguardo retorno, bjss a todos!!.

Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Nesse enunciado, destaca-se novamente um sujeito que se constrói dentro do pilar heteronormativo: “Gostaria de conhecer mulheres surdas ou ouvintes, para relacionamento”. Diferentemente de alguns usuários, esse já demonstra a possibilidade de se envolver com ouvintes, provavelmente pelo fato de não participar de práticas discursivas hegemônicas próprias da cultura surda. Isso é indicado na denominação “deficiente auditivo bilateral”, enunciado próprio do discurso médico patológico de caráter ouvintista. Nesse *post*, o sujeito enuncia seu corpo surdo que se mostra diferente do corpo ouvintista: *sou deficiente auditivo bi-lateral*, com expressões médico-patológicas, devido aos gestos de dominação inerentes ao discurso do “normal”.

Outro fato relevante na construção da identidade desse sujeito diz respeito à sua compreensão acerca do espaço do seu dizer. Ele sabe que está em uma comunidade de relacionamento onde as aparências, principalmente físicas, são tidas como relevantes, por isso passa a fazer sua descrição física: “Tenho: 1,76m 80 kg, branco, olhos castanhos, cabelos curtos castanhos”.

No *post* seguinte, temos também a descrição da característica física do enunciador. Mas, como veremos, esse sujeito apresenta um marcador de identidade étnica.

Sujeito 3

Eu surdo, solteiro negro, não quer filho, quero mulher surda, namoro. Não quero casar, não quer filhos.

Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Nesse terceiro *post*, a construção dos enunciados colabora para a constituição de um discurso, também heteronormativo, e que remete à cultura surda. Porém, é possível analisar a representação de um sujeito cuja identidade étnica é retomada e valorizada: “eu surdo, solteiro negro... quero mulher surda”. Esse enunciado, de certa forma, constitui um discurso contra-hegemônico. Esse sujeito não silencia sua identidade étnica, já que, tanto no texto do *post* quanto na maneira de se apresentar em sua fotografia, revela sua oposição à condição de subalternizado em que são enquadrados os sujeitos negros e surdos. Conforme Skliar (1998), sai do lócus daqueles sujeitos que não se afeiçoam à norma “ideal e adequada”, marginalizados, dos grupos denominados minoritários. Nesses grupos estão postados os negros, os deficientes físicos, os cegos, os obesos, os homossexuais, os índios, os surdos e todos aqueles que possuem algo que os caracterize como diferentes. O corpo normalizado pode atravessar esse enunciado como forma de resistência e de saída do silenciamento as quais sujeitos são inseridos nas relações sociais.

O enunciado acima colabora, ainda, para a compreensão da construção heterogênea e múltipla da(s) identidade(s) desse sujeito. Seu discurso heteronormativo é ocupado pela posição de homem que quer namorar, mas “não quero casar, não quer filhos”. Dessa forma, pode ficar evidente em seu discurso que sua inserção na comunidade do *facebook* de namoro não busca compromissos futuros, o que de certa forma quebra expectativas tradicionais no que se refere a relacionamentos.

O fato de o usuário declarar que pretende se relacionar somente com mulheres surdas enfatiza a problemática do relacionamento entre surdos e ouvintes marcada por estigmas e discriminações também. Nesse

trecho do *post*, podemos perceber como os discursos são compostos por contradições próprias das construções identitárias: ao mesmo tempo em que exibe uma autoafirmação na qualidade de negro e surdo, seus relacionamentos são marcados pelo discurso ouvintista de que surdos só se relacionam com surdas.

A título de digressão para entender melhor a questão proposta nesta pesquisa, interessante destacar que, na comunidade do *facebook*, há depoimentos de duas ouvintes relatando seu relacionamento com sujeitos surdos. Em um dos enunciados, há um destaque para a invisibilidade em que são postos os sujeitos surdos nas práticas discursivas hegemônicas: “Lógico que no início existiam dificuldades de comunicação, porque sendo eu ouvinte e nunca tendo tido nenhum contato com este ‘mundo’ tudo era estranho para mim”. A palavra “mundo” revela o fato de que os surdos, por apresentarem uma identidade linguística e cultural diferente da dos ouvintes, são colocados em um espaço sublocado, marginalizado, esquecido pelo outro. O depoimento da usuária a insere na comunidade surda e colabora na construção da sua própria identidade, assentados no reconhecimento do outro.

O outro depoimento, opondo-se aos discursos de que os surdos só se relacionam entre si, desfila o aspecto do acolhimento que os surdos demonstram ter em relação aos ouvintes que queiram participar da comunidade surda:

E o mais legal, é que eu fui muito bem aceita pelo grupo de amigos surdos dele. Me receberam e me acolheram. A paciência que eles têm comigo, é fantástica. Eu estou muito empolgada para aprender Libras.

Outra característica importante desse enunciado alude à questão linguística. Para participar da comunidade surda o ouvinte tem que aprender a língua do outro: Libras.

Verificamos, nessas enunciações, algumas oposições: um saber leigo, que reproduz uma cisão social entre a comunidade de surdos e a comunidade de ouvintes, ao lado de um saber acadêmico. Este oficializa tal reprodução com base numa chave específica, o uso da língua. Ainda que a identidade e a cultura estejam relacionadas a práticas sociais de uma complexidade muito maior, a língua, fundamentalmente, é tomada como o

instrumento por excelência de sua constituição e definição. O significado dessa inversão, desse jogo teórico que toma a língua, num primeiro momento, como determinada pelas práticas e interações sociais e, num segundo, faz dela a definidora dessas mesmas práticas, está na legitimidade mesma desses conceitos (SANTANA; BERGAMO, 2005).

Em relação à questão linguística, o próximo *post* nos ajuda a entender os efeitos discursivos na construção identitária de alguns surdos.

Sujeito 4

“Olá. Meu nome é Sarah. Tenho 19 anos de idade. Sou surda. Sou solteira. Já namorei Com um ouvinte e Ele Não quer aprendeu libras, Eu deixei Ele. rs Gosto música, mas gosto muito do que dizem as letras das músicas de Roberto Carlos e Paula Fernandes e Taylor Swift. Eu comecei a usar aparelho auditivo 2 ano e estou começando a entender como ouvir as pessoas. Tem sido difícil sair do silêncio e entrar no barulho, mas estou me adaptando e estou muito feliz por isso. O Pai Celestial é maravilhoso comigo e tem permitido que eu aprenda a falar a cada dia. É uma experiência incrível e estou muito animada!”.

Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Nesse *post*, o sujeito relata ter se relacionado com ouvintes. Porém, a questão de que a língua figura como definidor de sua identidade como surda foi determinante para o término do namoro: “já namorei com um ouvinte e ele não quer aprendeu libras, Eu deixei Ele”. Novamente, o discurso da língua configura como definidor da identidade surda.

Esse enunciado colabora para a compreensão da constituição das identidades como múltiplas e fragmentadas. A usuária marca sua subjetivação como surda, mas se descreve como usuária de aparelho auditivo há dois anos. Em adendo, traz a marcação do discurso ouvinte hegemônico ao descrever seus gostos: “Gosto música”. Aqui o corpo surdo é apresentado como o corpo que busca a normalização: “comecei a usar aparelho auditivo 2 ano e estou começando a entender como ouvir as

peças”. Entender e ouvir são caminhar na direção da “norma”, do corpo são.

Pondera-se que no *post* revela a “transição” de uma identidade de cultura surda para uma identidade de cultura ouvinte quando a usuária escreve: “Tem sido difícil sair do silêncio e entrar no barulho, mas estou me adaptando e estou muito feliz por isso”. O “sair do silêncio” se retrata a constituição de um discurso ouvintista que entende o surdo como aquele que não tem a capacidade de ouvir, do ponto de vista do déficit. “Entrar no barulho” é poder ouvir, constituir uma identidade de “normalidade”. Outro discurso que constitui a identidade dessa usuária se ancora na religião, quando apela para o “pai celestial”. Esse enunciado carrega a força de um discurso baseado na fé cristã. A possibilidade de “falar a cada dia” é interpretada como milagre divino.

Em relação ao aspecto de relacionamento amoroso entre surdos e ouvintes, a comunidade do *facebook* traz o cenário duas usuárias surdas do sexo feminino que têm e tiveram relacionamentos com sujeitos ouvintes. A seguir, as análises discursivas de seus enunciados.

Sujeito 5

Eu sempre namorei ouvintes... Mas, nunca vi isso como um bicho de 7 cabeças. Meus relacionamentos sempre foram bons e meus namorados sempre foram pessoas que até esqueciam que eu não ouvia. Acho que o segredo é não colocar a surdez no centro da vida, do relacionamento, das amizades. Cada experiência de vida é única e se vc tira a surdez de foco e simplesmente vive a vida. Bjs.

Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

A constituição do discurso dessa usuária instaura uma relação da surdez sob o viés do silenciamento. A possibilidade de normalização de sua “experiência de vida” é feita por meio da negação da surdez como constituinte de sua identidade. A usuária está assentada no discurso ouvintista e, por isso, propõe “não colocar a surdez no centro da vida”. Esse silenciamento ensina que ela consiga se relacionar com ouvintes e

não ver “isso como um bicho de 7 cabeças”. A primeira leitura desse enunciado pode nos levar a ver esse sujeito como alguém que propõe uma quebra de estereótipo; porém, o que percebemos é o reforço do discurso ouvintista, patológico, e o silenciamento imposto pela sociedade para o surdo: “se vc tirar a surdez de foco e simplesmente vive a vida”.

O discurso hegemônico ouvintista fortalece o processo de normalização, no qual o sujeito busca silenciar sua diferença com intuito de ser visto pelo outro como igual. Nesse sentido, os argumentos utilizados pela usuária para relatar seu relacionamento legitimam os discursos que reforçam a patologização da surdez.

Outra questão, pouco discutida, nas pesquisas no Brasil, é a orientação sexual na comunidade surda. O próximo *post* procura ampliar nossa análise com o enunciado de uma travesti surda.

Sujeito 6

Boa noite, eu entrou novo o grupo aqui surdo relacionamento de namora. Me chamar Rafaela, tenho 28 anos, 1,71 altura, sou travesti surda. Não se importa que eu sou travesti. Procuro relacionamento sério (só somente surdo). Moro em Mineira. Vou falar um pouco de mim, sou surda, para comunicar leio a leitura labial, sei falar de sinais (LIBRAS), moro no bairro buritis, trabalho no centro.

Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Esse *post* exhibe uma usuária da comunidade que se descreve como “travesti surda”, à procura de um “relacionamento sério”, “somente com surdo”. Sua identidade é exposta como feminina, usa seu nome social “Rafaela” e afirma sua identidade de gênero antes da identidade surda. Descreve-se fisicamente e solicita do leitor a compreensão de sua sexualidade, “não se importa que eu sou travesti”. Esse enunciado aciona a questão do preconceito social, diretamente ligada à questão da surdez, mas também à questão de gênero.

A escolha por relacionamentos apenas com homens surdos e “só somente surdo” pode reafirmar a questão já exposta em outros *posts*

acerca do relacionamento entre surdos como preferência, provavelmente devido a questões de identidade linguística. Ela é surda, realiza “leitura labial, sei falar de sinais (LIBRAS)”. Além das questões da língua, ainda revela que “trabalha no centro”, demonstrando sua autonomia financeira e seu afastamento do mercado de sexo – como usualmente são vistas as travestis – como traço relevante para o estabelecimento de um relacionamento. Apesar disso, essa usuária se encontra em uma posição mais subalternizada do que os outros, já que participa de um grupo minoritário relacionado à língua e a outro relacionado ao gênero. Trata-se da única travesti que assume sua identidade na comunidade, embora tenhamos localizado outros dois *posts* em que os sujeitos enunciam sua sexualidade. Neste caso, a comunidade é direcionada, como visto na página da comunidade, a casais de identidade heterossexuais.

No *post* seguinte, temos uma usuária que se descreve como surda e lésbica.

Sujeito 7

Eu to solteira. Eu surda sou 26 aninhos sou lésbica, apenas uma pessoa diferente moro em Bage-RS.

Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

A usuária se descreve como surda e lésbica. Sua imagem se constrói de forma masculinizada. Diferentemente da travesti que usa seu nome social e adjetivos relacionados ao gênero, os utilizados por esse sujeito se circunscrevem todos ao gênero feminino. Único marcador de sua sexualidade é a expressão “*sou lésbica*”.

Nesse *post*, a manifestação da diferença é relatada no enunciado “apenas uma pessoa diferente”. Em seu relato, a usuária marca seu espaço nas relações de poder, em uma tentativa de fugir de rótulos/estigmas impostos pela sociedade, seja do discurso hegemônico, seja da não aceitação das minorias. Nesse caso, a “dupla diferença” – surda e homossexual – chama a atenção para a possibilidade de um “duplo preconceito”. Esse enunciado remete a uma releitura da sociedade em que vivemos, onde é recorrente o discurso do normal, ou seja, daquilo que está dentro da norma considerada ideal, adequada.

Algumas conclusões

Neste artigo, encampou-se o intento de compreender as identidades surdas em uma comunidade digital no *Facebook*. O escopo deste estudo se justifica pelo momento histórico, dada a maior visibilidade dos sujeitos surdos no Brasil pelas redes sociais. Ao mesmo tempo, cresce a preocupação educacional, política que procura contemplar esse grupo como diverso e não homogêneo. Portanto, agasalha necessidades semelhantes e, a um só tempo, diferentes. Dessa forma, revela-se pertinente compreender diversas identidades dos surdos no contexto digital. Para entender tais identificações, valemo-nos da pesquisa qualitativo-interpretativista.

As identidades surdas analisadas puseram à mostra sujeitos surdos multifacetados, plurais, inacabados, em fluxo constante de (re) construção, o que corrobora a identidade do sujeito contemporâneo.

Ficou evidente nesta pesquisa: é impossível “se construir em linhas retas”, categorizar, ou agrupar esses sujeitos, ou seja, não há como se estabelecer uma homogeneidade identitária, qualquer seja agrupamento humano, já que os discursos encontrados na comunidade observada são dispersos e descontínuos.

Há uma tendência a se referir a uma “cultura e identidade surda”, como se isso figurasse em uma homogeneidade; no entanto, suas enunciações discursivas não são suficientemente efetivas para essa consolidação, pelo menos não o foram durante a realização desta pesquisa. Isso, particularmente, nos anima, porque a explicação para essa cultura, igualmente para identidades próprias e peculiares, não se ancora nem em uma língua específica apenas, nem mesmo em outras questões, a exemplo das de gênero e raça/etnia. Suas identidades são fragmentadas, o que evidenciou a contrariedade ao discurso de que os surdos teriam uma identidade homogênea.

Quanto às categorias identitárias propostas por Perlin (1998) e Moura (2000), importa destacar que, embora apresentem rótulos variados, podem misturar-se e dificilmente permitem um “encaixe” perfeito, uma vez que esses sujeitos são únicos e carregam em seus discursos a multiplicidade própria da (s) identidade(s).

Acreditamos que, com base nesta investigação inicial, outras poderão ocorrer, conferindo-lhes novas feições. Seja exemplo a necessidade de estudos para compreender não só as identidades homoeróticas surdas, de igual modo as das mulheres surdas, como ainda

as dos negros surdos, ao modo como são representados na comunidade marçadamente surda em contexto digital. Sobreleve-se isto: além do estigma da surdez, pode haver daqueles que carregam outro preconceito, seja o de gênero, seja o étnico-racial.

Referências

- AMARAL, Ligia Assumpção. *Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BOTELHO, Paula. *Linguagem e letramento na educação dos surdos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CAMILLO, Camila Righi Medeiros. *A avaliação como dispositivo pedagógico: capturas discursivas no contexto da Educação de Surdos*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2008.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FABRÍCIO, Branca Falabela; MOITA LOPES, Luis Paulo de. A dinâmica dos (re) posicionamentos de sexualidade em práticas de letramento escolar. In: MOITA LOPES, Luis Paulo; BASTOS, Liliana Cabral Bastos. (Org.). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. p.283-314.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FELIPE, Tanya A. *Libras em contexto – de estudante*. Brasília: MEC, 2001.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GOFFMANN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1983.

- GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. Brasília: MEC/ SEB, 2008.
- GRIGOLETTO, Marisa. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, Izabel; CORACINI, Maria José; GRIGOLETTO, Marisa. (Org.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Clara Luz, 2006. p.15-44.
- GUMPERZ, JOHN, J. *Language and social identity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1981.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, UFRS/FACED, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/neccso/downloadtextos.html>>. Acesso em: jun. 2015.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Silva e Guacira Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- JESUS, Dánie Marcelo de. “Eu amo a língua portuguesa!”: o discurso de usuários do Orkut. *Revista Polifonia*, n. 17, GELCO, Cuiabá: Editora da UFMT, p. 239-253, 2009.
- LIMA, Elcivanni Santos. *Discurso e identidade: um olhar crítico sobre a atuação do intérprete de Libras na educação superior*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
- MAHER, Terezinha Machado. Sendo índio em português... In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras; FAPESP/FAEP, 2001.
- MOURA, Maria Cecília de. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- PERLIN, Gladis. *Histórias de vida surda: identidades em questão*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS/FACED. Porto Alegre, 1998.
- SÁ, Nídia Limeira de. Discurso surdo: a escuta dos sinais. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.
- _____. *Cultura, poder e educação de surdos*. Niterói: EDUFF, 2002.
- SANTANA, Ana Paula. *Surdez e linguagem*. São Paulo: Editora Plexus, 2007.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SKLIAR, Carlos. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

STERNBERG, Robert J.; GRIGORENKO, Elena L. *Crianças rotuladas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

STROBEL, Karin Lilian. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. *ETD - Educação Temática Digital*, v. 7, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=125&layout=abstract>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

VEREZA, Solange Coelho. Quem fala por mim?: identidade na produção discursiva em língua estrangeira. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. B (Org.). *Identidades, recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p.351-361.

VIANNA, Gláucia dos Santos. *Corpo surdo: na língua, na corporeidade e na história, os sentidos*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

XAVIER, Priscila Aparecida Moraes Henkemaier; JESUS, Dánie Marcelo de; JOSEPH, Tatiana Wonsik Recomenpa. Desafios e perspectivas em práticas de letramento por alunos surdos em curso a distância de língua inglesa. *Polifonia*, Cuiabá, v. 21, n. 29, p. 254-274, jan-jul. 2014.

WRIGLEY, Owen. *The politics of deafness*. Washington, USA: Gallaudet University Press, 1996.

Este texto é de total responsabilidade de seus autores.



REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem
